

Entrevista dada a Vicente Cardoso Jr

De que maneira a literatura infantil se aproxima e se apropria dos textos da cultura popular?

Acho que principalmente por meio da linguagem. Boa parte do discurso popular é marcado pela oralidade. O que significa isso? Em suma, o discurso escrito e o discurso oral obedecem a modelos construtivos diferentes, exigem estratégias diferentes e têm objetivos diferentes. No contato direto, face-a-face, o que eu quero dizer e o que eu digo devem sempre estar sobrepostos. Se isso não ocorrer provavelmente não vou ser compreendido, e alguém logo vai gritar: “Espera aí, não entendi o que você disse!” Se há uma característica fundamental do discurso popular é o fato de ele ser criado e construído, tanto faz se oralmente, por exemplo por um poeta analfabeto, ou através da escrita, no caso de um poeta alfabetizado, tendo como pressuposto a comunicação oral, ou seja, a situação da comunicação feita face-a-face e suas implicações. Em outras palavras, há textos que são como mensagens escritas: o escritor escreve para ser lido e o leitor lê como quem lê um texto escrito o que pressupõe poder reler, consultar dicionários, analisar e interpretar. Porém há textos que são como mensagens ditas de viva voz: o escritor escreve como, ou quase como, quem fala e o leitor lê como quem escuta alguém falando em voz alta num contato face-a-face. Neste caso, o escritor tende a escrever buscando sempre a compreensão imediata do leitor. Os primeiros são textos típicos da cultura escrita, marcados pela escolarização. Por vezes são complexos, abstratos e eruditos. Os segundos são textos que pretendem ser populares: usam linguagem clara e pública para falar de assuntos compreensíveis e capazes de gerar identificação em todas as pessoas. Boa parte da literatura e da poesia é produzida tendo como pressuposto a cultura escrita, ou seja, a possibilidade de releitura, análise e interpretação. Creio que a literatura popular e a literatura para crianças e jovens adotam o modelo marcado pela oralidade, ou seja, o escritor escreve quase como se estivesse falando de viva voz com outra pessoa num contato face-a-face. Um outro ponto: a divisão de pessoas em faixas etárias é marca de um determinado modelo social e muitas vezes nada mais significa do que fatias de mercado. Nas manifestações das culturas populares, narrativas, festas, trabalhos etc., todos podem participar, adultos e crianças atuam juntos. Tento dizer que no âmbito popular não faz muito sentido falar em uma literatura “para crianças”. Por exemplo, a literatura de cordel é acessível a todas as pessoas. Basta saber ler.

Que importância tem para a formação da criança o contato com livros que falem do folclore regional?

Cerca de 80% da população brasileira, mesmo que em graus diferentes, é profundamente marcada pelas culturas populares. Não é difícil você encontrar um universitário que seja filho de analfabetos. Neto então, é muito fácil. Isto significa que boa parte dos brasileiros constrói sua vida a partir de padrões sociais, éticos e estéticos vinculados à cultura do povo. Quando uma criança, filha de analfabetos, entra na escola, pode ser levada a acreditar que seus pais não sabem nada, pois não sabem escrever e ler, não conhecem gramática, matemática, ciências etc. Ora, essas pessoas não têm uma cultura escolar e oficial, mas têm outra: a cultura popular, menos individualista, que valoriza a experiência prática das coisas, tende a ser mais comunitária e, fora isso, é cheia de narrativas, contos de encantamento, ditados, trava-línguas, adivinhas, crenças, festas, receitas culinárias, em suma, uma cultura que obedece a padrões diferentes do técnico-informativo, utilitário, teórico e impessoal veiculado pela escola. Acho que os livros que tratam de cultura popular podem fazer uma ponte importante entre esses dois modelos. A criança filha

de analfabetos lê um conto ou um ditado e diz: “Ué, meu pai conhece isso!”. A criança que vem de uma outra situação social entra em contato com um material muito rico.

Você acredita que a escola brasileira tem dado a esses textos a importância merecida?

Creio que não. A escola, em boa parte, ignora a cultura popular e, uma vez por ano, no “mês do folclore”, faz algumas atividades, em geral, bastante superficiais e burocráticas, para cumprir o calendário. Ora, no Brasil, a cultura popular é onipresente. Acontece todos os dias em todos os lugares. Acabamos de perder um artista popular extraordinário: Dorival Caymmi. Quantos estudantes conhecem e sabem valorizar sua obra? Na verdade, a escola tende a ignorar mesmo artistas populares mais vinculados aos paradigmas da cultura escrita como Chico Buarque ou Caetano Veloso. O estudo comparativo das obras de Caymmi, Chico e Caetano além de trazer para o estudante uma série de questões sociais e culturais relevantes, seria um gostosa introdução à linguagem poética.

A expansão da mídia pode ser nociva à continuidade da tradição oral de histórias e brincadeiras da cultura popular?

Mídia é uma assunto complicado. A cultura, independentemente de definições e falando de arte, é construída por meio de ações espontâneas, independentes, desarticuladas e multidirecionais feitas por escritores, músicos, artistas plásticos, dramaturgos etc. tanto faz se eruditos ou populares. Essa diversidade é sua extraordinária e imprescindível riqueza. O que a mídia faz é o contrário disso: ações programadas, articuladas e unidirecionais visando mercados e dependentes de interesses econômicos e patrocinadores. Veja o caso da televisão. A grande diversidade da cultura brasileira passa longe dela. Cada vez mais, a televisão parece uma mera vitrine de propaganda e marketing de produtos, incluindo aqui os próprios programas. Neste modelo, infelizmente, não só a cultura popular está ameaçada mas toda a cultura produzida no país.